grupo parlamentar

Intervenção do Deputado Jaime Jorge
Preservação do Património do Canal
Horta, 18 de Junho de 2009

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhora e Senhores Membros do Governo

No passado dia 15 de Fevereiro, comemorou-se na ilha do Pico, o centenário do nascimento daquele, que é até hoje considerado por todos, como o maior ícone, o verdadeiro ex-líbris das ligações do canal, Gilberto Mariano da Silva, e das vivencias e dinâmicas, que diariamente se estabeleceram entre estas duas ilhas irmãs, tão bem descritas por Vitorino Nemésio na sua conhecida obra, mau tempo no canal.

Este centenário do seu nascimento, foi também oportuna e devidamente assinalado nesta casa, com a aprovação, por unanimidade, de um voto de congratulação.

Foi de resto, esta incontornável figura do quotidiano do canal, também merecedora de Insígnia Autonómica de

Mérito, em homenagem póstuma, no dia da autonomia, que este ano se realizou na cidade de Toronto, no Canada.

Está assim encontrado o mote para uma chamada de atenção, para a necessidade de um olhar mais atento ao património que nos ficou dessa época, ainda bem presente na memória de muitos de nós, património, único e exclusivo das ligações diárias, que este mesmo permitiu estabelecer e consolidar, entre as ilhas do Faial e do Pico.

Por tudo aquilo que este património representou, neste modelo de vida que se foi gradualmente organizando neste canal, que une estas duas ilhas, que ainda faz parte da nossa memória colectiva mas que rapidamente tende a desaparecer, a sua manutenção e preservação, com vista a outro tipo de reutilização, é também, uma manifestação superior de cultura, porque é prova e atesta o grau de respeito e consideração que temos, pela nossa identidade enquanto povo ilhéu e por tudo aquilo que foi a saga da nossa sobrevivência.

Este património, consiste nas lanchas de transporte de passageiros, que durante muitos anos sulcaram as águas deste canal, tais como a Mª Lígia, a Calheta, as Velas e a Espalamaca e nos barcos cargueiros de cabotagem, de boca aberta, de transporte de mercadorias tais como: o Rival, o Adamastor, o Manuel José, o barco do calhau, entre outros. Embarcações á vela, numa fase inicial, e de locomoção mista, motorizados e à vela, numa fase posterior.

Mas também nos portos da fronteira tais como os da Madalena, Areia larga, Calhau, São Mateus, São Caetano e Horta e ainda algum imóvel, que nestas localidades, freguesias e cidade, tenha tido papel preponderante nesta relação.

Das primeiras, com muito boa vontade ainda se poderia aproveitar para recuperação, para um papel e uma acção diferente, enquadrado nas circunstâncias actuais que moldam hoje as nossas vivencias, as lanchas Calheta e Espalamaca.

De igual modo, dos segundos, apenas existe um, o Rival que mereceria uma intervenção de fundo, com vista á sua recuperação para posterior utilização com fins de formação.

Estas embarcações são os últimos testemunhos de uma época grandiosa, em que o transporte de pessoas e a troca de mercadorias, entre estas duas ilhas, marcavam o seu quotidiano.

É pois de lamentar que se deixe desaparecer, sem nada fazer para o contrariar, estes equipamentos que contribuíram para a sobrevivência dos povos destas duas ilhas, assente sobretudo no intercâmbio diário e repetido de bens e pessoas.

Poderiam contudo, se houver vontade politica para tal, desempenhar ainda outro papel, porventura também importantíssimo, nesta sociedade dita desenvolvida do século XXI, em que hoje vivemos.

Tal como já aconteceu com o património baleeiro, que encontrando-se quase perdido, foi em boa hora, através de Decreto Legislativo Regional, passível de uma bem sucedida recuperação, encontrando-se hoje satisfatória e eficazmente preservado, para nosso deleite e das próximas gerações.

Á disposição de instituições públicas, que souberam dar-lhe utilidade, na formação e ocupação dos tempos livres, que prestam aos jovens, na arte da vela e do remo em baleeira e na forma como vão colorindo, no Verão, de velas erguidas ou de remos fora de borda, as nossas ilhas.

Através das inúmeras competições que organizam, dando aos nossos jovens, que não viveram de perto as emoções da faina da baleação, um leve aroma da importância sócio-económica que esta terá tido, no desenvolvimento destas ilhas e dando ainda aos turistas, uma outra faceta, mais uma, da nossa identidade cultural.

A exemplo disto, assim poderia e deveria também este Governo, proceder em relação ao património do canal.

É necessário agir com urgência e adequada celeridade, neste domínio, sob pena de perdermos para sempre aquilo que ainda hoje pode ser recuperado e aproveitado e que chegou aos nossos dias como testemunhos de grandiosas epopeias.

Depois de devidamente recuperado, este património poderá perfeitamente ser entregue aos clubes navais sediados junto aos portos do canal, para que estes possam, com a sua utilização, arrecadar receitas, sempre tão necessárias para a manutenção das suas actividades formativas, juntos dos jovens que gostam do mar.

Com a sua entrega a este tipo de instituições, devolvem-no também ás próximas gerações de marinheiros, para que nele, estes marinheiros possam complementar a sua formação.

Finalmente, podem assim também os turistas que nos visitam, usufruir dos momentos de prazer que estas embarcações lhes poderão proporcionar.

Disse.

.